



UFMG

Boletim

Nº 1.703 - Ano 36 - 26.7.2010



Daniel Blac

O milagre da **TRANSPOSIÇÃO**

A mortandade de peixes em áreas ocupadas por hidrelétricas tem levado a UFMG a desenvolver métodos para afastá-los de turbinas e pesquisas sobre o comportamento migratório de determinadas espécies com a finalidade de projetar mecanismos adequados de transposição. Os trabalhos, que envolvem pesquisadores da Escola de Engenharia e do Instituto de Ciências Biológicas, são financiados pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel).

Páginas 4 e 5

Medidas do governo fortalecem **GESTÃO UNIVERSITÁRIA**

Página 3

REFLEXÕES sobre a fotografia*

André Machado**

Já viajei muito mundo afora para eventos de tecnologia. Quando sobra algum tempo livre, procuro dar uma olhada na cidade onde estou, aspirar um pouco de sua vida e cultura, sentir que estou inserido no mundo, perceber que existem à nossa volta outros pontos de vista, outras formas de lidar com a existência. Elas podem estar nas pessoas e também nas obras que elas construíram, nos prédios em volta, nas praças, nas ruas, nos meios de transporte... E até no próprio clima, tão diverso e caprichoso em lugares por vezes tão próximos.

Sou do tempo em que o Fernando Sabino tinha uma coluna em "O Globo" e, como viajava muito, volta e meia relatava suas peripécias e impressões dos lugares onde se encontrava. As crônicas do escritor mineiro me faziam viajar com ele, assim como qualquer bom livro. Quando comecei a viajar mais amiúde, mercê de minha profissão, as câmeras fotográficas digitais ainda não estavam difundidas. As pessoas tinham tempo de parar, olhar e refletir sobre o que estavam observando.

Tenho um perfil um pouco diferente de meus colegas que escrevem sobre tecnologia. Alguns deles, quando têm uma folga das entrevistas e sessões comuns em nossa lida cotidiana, aproveitam para sair em direção aos bairros que abrigam lojas de informática, para obter o último modelo deste ou daquele *gadget*. Já eu prefiro os lugares históricos, gosto de mergulhar na cultura de um país, por mais exíguo que seja o intervalo. Ainda hoje me lembro de minha visita à catedral de Santo Estêvão, em Viena, Áustria, uma das construções em estilo gótico mais importantes da Europa. A igreja é sombria e sua nave é altíssima; tumbas de fundadores de dinastias de imperadores austríacos ladeiam o altar; e há um púlpito maravilhosamente esculpido, com animais como sapos, cobras e outros no corrimão das escadas, representando os maus pensamentos que o padre poderia ter antes de subir e fazer seu sermão. No alto, dois cães evitam que esses maus pensamentos tomem o

púlpito, garantindo ao pároco seu devido estado de contemplação espiritual. A igreja começou a ser construída em 1137 e tem uma torre de 136 metros.

Cito tudo isso de memória; não tirei uma fotografia sequer do lugar. E minha viagem foi em 1995. Por que relembro tudo isso? Mesmo que ainda tenham tempo de parar e observar as coisas à sua volta, as pessoas preferem desperdiçar esse tempo fotografando freneticamente tudo o que as cerca. A possibilidade de fazer dezenas, quicá centenas de fotos, num curto período, parece ter enlouquecido as pessoas, ávidas por registrar lembranças com suas máquinas de última geração.

Mas será que registram mesmo? As câmeras, com certeza, registram; já os cérebros...bem, tenho minhas dúvidas. Você já conheceu alguém que acaba de ler um livro e, questionado sobre seu enredo, não sabe responder bem como é a história? Pois bem, me parece que a ânsia fotográfica dos viajantes está lhes roubando o prazer de deixar o ambiente adentrar seus pensamentos, de refletir sobre ele, de fazer comparações. É desse impacto estritamente pessoal e intransferível que uma lembrança, uma legítima memória, é feita. Não do *clique-clique* incessante que enquadra uma realidade passível de ser muito mais ampla. Na verdade, a fotografia cria outra realidade no momento em que tocamos o disparador. Não é a mesma coisa estar em um lugar e estar em uma foto do lugar; são duas situações bem distintas. Além do mais, o enquadramento recorta da imagem ângulos que nossos pensamentos e emoções, se deixados soltos, poderiam examinar melhor.

Walter Benjamin, filósofo alemão que refletiu, nos anos 30, sobre a indústria cultural, dizia que a fotografia jamais teria a aura de uma pintura, que eterniza um único momento e é única, daí a idéia de autenticidade que permeia toda obra de arte. Da mesma forma, a reprodução fotográfica de um momento único em

uma viagem não é a mesma coisa que este momento único.

Será esta a razão por que nossa memória parece falhar mais hoje em dia do que antigamente? Tanta informação disponível parece livrar-nos da necessidade de guardar ou decorar alguma coisa, ainda que gostemos muito dela. Da mesma forma, tantas imagens parecem livrar-nos da necessidade de experimentar uma recordação genuína, vivenciada diretamente por nossos olhos, por nosso corpo, e não com o visor da câmera como intermediário. Ele jamais pode tomar o lugar de nossas retinas.

Vejam bem, não estou criticando os amantes da fotografia, até porque trabalho com alguns muito dedicados. Mas quem realmente ama a fotografia também ama o real que o cerca — contempla-o e percebe-o muito bem antes de tentar enquadrá-lo. Não é o caso do viajante incidental, que quer fotografar o máximo e contemplar o mínimo. Acredito que é preciso rever esse tipo de relação dependente da tecnologia — e talvez isso possa valer para outros exemplos, como o do telefone celular, que, embora necessário, é muito usado em ligações banais e sem qualquer propósito.

A beleza da tecnologia reside no fato de ser uma extensão de nós. Não se pode perder isso de vista. Sem dúvida a vida digital pode ser maravilhosa. Eu posso testemunhar. Tenho amigas que só conheço por e-mail, e trocamos cartas em que muito de nossas vidas é desfiado. Mas sou igualmente sortudo a ponto de ter "puxado" outras para a vida real — e, embora nos falemos por e-mail também, nada substitui um almoço e a possibilidade de tocar suas mãos para expressar a grande alegria de conviver com alguém muito estimado.

*Publicado originalmente no site FórumPCs.

**Jornalista, poeta e músico. Repórter da revista Digital de O Globo

Esta página é reservada a manifestações da comunidade universitária, através de artigos ou cartas. Para ser publicado, o texto deverá versar sobre assunto que envolva a Universidade e a comunidade, mas de enfoque não particularizado. Deverá ter de 5.000 a 5.500 caracteres (com espaços) ou de 57 a 64 linhas de 70 toques e indicar o nome completo do autor, telefone ou correio eletrônico de contato. A publicação de réplicas ou réplicas ficará a critério da redação. São de responsabilidade exclusiva de seus autores as opiniões expressas nos textos. Na falta destes, o BOLETIM encomenda textos ou reproduz artigos que possam estimular o debate sobre a universidade e a educação brasileira.

Na rota da **AUTONOMIA**

Gestão das universidades federais será modernizada com medidas do governo federal

Ana Rita Araújo

Estão removidos dois grandes obstáculos que dificultavam a gestão das universidades federais: a execução orçamentária, pelas fundações de apoio, de recursos para a pesquisa; e a transferência, para o ano seguinte, de verbas não executadas. Esses e outros temas, tratados em três decretos e uma medida provisória apresentados pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva em reunião com 59 reitores no dia 19 de julho, modernizam e conferem maior autonomia à administração das Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes).

De acordo com o reitor da UFMG, Clélio Campolina, os reitores das Ifes consideram as medidas “extremamente positivas”. A avaliação foi realizada em reunião do Conselho Pleno da Associação Nacional dos Dirigentes de Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), no dia da publicação dos textos no Diário Oficial da União (20 de julho).

Embora destaque que as medidas trazem “grandes avanços”, Campolina afirma que ainda há uma importante questão pendente – a contratação de pessoal para os hospitais universitários. Na reunião com os reitores, o Ministério da Saúde anunciou a liberação R\$ 100 milhões para o conjunto dos 45 hospitais. “Esse repasse dará pequeno alívio. Além disso, saímos com a promessa de que o governo encaminhará projeto de lei ao Congresso Nacional propondo uma mudança orçamentária para a liberação de outros R\$ 200 milhões, com a finalidade de resolver o problema de dívida dos hospitais”, explicou o reitor.

“A questão da contratação de pessoal dos hospitais universitários não ficou decidida, mas há a disposição do Presidente de encontrar uma solução definitiva para o problema, que é preocupante”, ressalta Campolina, ao lembrar que pela exigência do Tribunal de Contas da União, 24 mil pessoas deveriam ser demitidas dos hospitais universitários até o final do ano. O reitor da UFMG informa que o Presidente da República criou grupo de trabalho, coordenado pelo Ministro da Educação, com participação dos ministros da Saúde e do Planejamento, para tentar encontrar solução que evite as demissões.

Autoconstrução

As medidas assinadas pelo presidente da República também não solucionam a questão da construção direta ou autoconstrução – processo pelo qual a própria Universidade ergue seus prédios, dispensando a presença de empresas terceirizadas. Campolina participou de reunião no Ministério da Educação, em que foi retirada da MP cláusula que proibia as construções por meio das fundações de apoio. “A questão ficou omissa e estamos agora dependendo do que vai ser estabelecido por decreto”, explica.

Trocando em miúdos

Confira uma síntese do teor da medida provisória e dos três decretos que tratam das universidades federais. Os textos foram publicados no Diário Oficial da União de 20 de julho.

• Medida Provisória 495

Segundo o professor Clélio Campolina, a Medida moderniza as licitações e estabelece as condições de relação das universidades com suas fundações de apoio para os programas de desenvolvimento institucional. “Esta MP ainda depende de um decreto que a regulamente”, diz. A MP 495 autoriza a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e as demais “agências financeiras oficiais de fomento” a firmarem convênios e contratos com as fundações das Ifes e instituições científicas e tecnológicas (ICTs). Além de alterar a Lei 8.958/1994, a MP 495 muda a redação da Lei de Inovação (10.973/2004), para esclarecer as definições de “ICT” e de “instituição de apoio”.

Além disso, foram incluídos na MP mecanismos para aumentar a transparência na atuação das fundações. A Lei 8.958/1994 foi acrescida do Artigo 4º-A, segundo o qual as fundações estão obrigadas a publicar na internet uma série de informações, como relatórios semestrais da execução dos contratos.

A Medida também autoriza a concessão de bolsas por parte das fundações, para alunos de graduação e pós-graduação vinculados a projetos de pesquisa apoiados. Servidores das Ifes e ICTs também poderão receber bolsas de ensino, pesquisa e extensão nos projetos.

• Decreto 7.232

Permite a reposição do atual quadro de servidores sem autorização prévia do Executivo. Assim, quando um funcionário se aposentar ou pedir exoneração do cargo, a universidade não precisa mais aguardar ordem do Ministério da Educação para abrir concurso e preencher a vaga.

• Decreto 7.233

Confere mais autonomia à gestão financeira e orçamentária das universidades, “que inclusive poderão transferir recursos de um ano para o ano seguinte, o que era proibido”, diz Campolina.

• Decreto 7.234

Normaliza o Plano Nacional de Assistência Estudantil (Pnaes).



O presidente Lula, ladeado pelos ministros José Gomes Temporão e Fernando Haddad, discutiu conteúdo das medidas com os dirigentes das Ifes

NO MEIO DO CAMINHO tem uma barragem

UFMG desenvolve pesquisas para permitir a transposição de peixes em áreas com hidrelétricas

Ana Rita Araújo

O Brasil possui mais de 1.700 hidrelétricas em operação, muitas das quais em Minas Gerais. Ao mesmo tempo em que dão resposta à crescente demanda por produção de energia elétrica, as usinas provocam mudanças ambientais que afetam a dinâmica populacional de peixes, sobretudo daqueles de comportamento migratório, os mais importantes para o consumo humano.

As barragens e os maquinários das usinas causam mortalidade e podem interferir, de modo irreversível, na dinâmica de reprodução dessas espécies. A busca por soluções para o problema envolve o esforço de uma rede de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento – das engenharias às ciências biológicas.

Com recursos do programa de pesquisa e desenvolvimento da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) e empresas do setor, a UFMG desenvolve estudos em duas grandes linhas: métodos para afastar os peixes de áreas perigosas, como turbinas, e pesquisas sobre o comportamento de migração das espécies, com o objetivo de projetar mecanismos adequados de transposição, isto é, que ajudem as espécies a atravessar as barragens e a continuar seu caminho, seja rio acima ou rio abaixo.

“Nossas pesquisas têm gerado teses e dissertações, além de protótipos e experimentos em testes em algumas usinas”, explica o professor Carlos Barreira Martinez, do Departamento de Engenharia Hidráulica da Escola de Engenharia. Entre os estudos recentes do grupo coordenado por Martinez no Centro de Pesquisas Hidráulicas e Recursos Hídricos (CPH) estão os que procuram impedir a entrada de peixes em regiões de riscos em usinas hidrelétricas, através da instalação de mecanismos que utilizam campo elétrico, bolhas de ar ou luzes estroboscópicas – como as existentes em pistas de dança.

No mesmo departamento, a professora Edna Maria de Faria Viana coordena estudos sobre comportamento de me-

canismos de transposição de peixes do tipo “escada”, além do desenvolvimento de tecnologia para avaliação de características natatórias da ictiofauna migradora brasileira.

Equipe coordenada pelo pesquisador Marco Túlio Correa de Faria, no Departamento de Engenharia Mecânica, também concentra esforços para desenvolver mecanismos que impeçam a entrada de peixes em turbinas hidráulicas. Já no Departamento de Zoologia do Instituto de Ciências Biológicas (ICB), Alexandre Godinho estuda o comportamento migratório de importantes espécies para a culinária e a pesca amadora do país, como surubim, dourado, dourada, piaui, mandi, curimba e curimbatá. “Todos os projetos são motivados pelo impacto ambiental de usinas hidrelétricas sobre a ictiofauna”, resume Marco Túlio Correa de Faria, ao lembrar que, embora a legislação ambiental brasileira determine a implantação de sistemas de transposição de peixes em hidrelétricas, a maioria das usinas em operação no país ainda não possui esse tipo de sistema.

De montante para jusante

“Muitos peixes já nascem migrando e mantêm esse comportamento em diferentes fases de sua vida e por motivos diversos. Assim, no mesmo ponto de um rio, na mesma época do ano, há espécies subindo e outras descendo”, explica o professor Alexandre Godinho.

A migração contínua e em direções opostas – rio acima (para montante) e rio abaixo (para jusante) – torna complexa a tarefa de elaborar e implantar mecanismos que evitem a entrada de peixes em turbinas e facilitem a transposição. Para Godinho, o maior desafio, no Brasil, é a transposição para jusante.



Canal construído no Rio Madeira, na bacia amazônica, facilitará a realização de pesquisas relacionadas ao comportamento dos peixes

Acervo Alexandre Godinho



Martinez: produção de pesquisas e protótipos para evitar a morte de peixes em barragens

Seja para desenvolver técnicas que afastem os cardumes das turbinas, seja para ajudá-los a seguir seu caminho, é fundamental conhecer cada grupo e seus hábitos. O salmão, por exemplo, é um peixe de superfície. Quando se aproxima de um barramento e não acha passagem, desce a caminho das turbinas, mas encontra telas que direcionam o cardume para um canal, com passagem segura. Esse tipo de estratégia seria viável no Brasil? “Sim, se nossos peixes tiverem esse mesmo comportamento, o que ainda não sabemos”, comenta Godinho. Segundo ele, entender a migração de uma espécie “depende de anos de pesquisa e de muito investimento”.

Por sugestão da equipe de Alexandre Godinho, foi construído, em uma barragem recém-implantada no rio Madeira, na bacia amazônica, canal com 50 metros de comprimento, com o objetivo de facilitar esse tipo de pesquisa. “Os peixes são capturados, marcados e lançados de volta no canal, para que possamos seguir suas trajetórias”, explica. Uma forma comum de pesquisa é feita por meio de radiotransmissores instalados em peixes, o que permite rastrear seus movimentos nos rios por períodos que variam de dois a quatro anos. “Com isso, temos como saber quando aquele indivíduo sai de um lugar para o outro e onde estão os sítios de desova e de alimentação”, comenta Godinho, ao informar que cada transmissor custa em torno de 350 dólares. “Não fica barato, mas essas pesquisas trazem informações que não se obtém de outra forma”, diz.

Em outra linha de estudo, dissertação orientada por Godinho aperfeiçoou técnica de captura do som subaquático produzido durante a desova por peixes da família do curimatá, o mais pescado em águas doces na América do Sul. “Com essa técnica, podemos ir a campo nos momentos certos para detectar locais de desova desse grupo de peixes”, explica o professor.

Barreiras elétricas

Tese defendida por Rafael Emílio Lopes e orientada por Carlos Barreira Martinez estudou a influência de campos elétricos para conter a entrada de peixes nas máquinas hidráulicas. O pesquisador realizou levantamento de eletrossensibilidade de espécies brasileiras migratórias presentes nas bacias dos rios Grande e São Francisco. “Os estudos mostram que peixes reagem à aplicação de campo elétrico de forma diferenciada por espécie e tamanho. Obtivemos dados sobre reação à aplicação de campo elétrico e determinamos, por espécie, o nível de tensão necessário para repelir e paralisar indivíduos”, relata Lopes em sua tese.

Ele comenta que o uso de campo elétrico evitaria o inconveniente causado por telas e grades, já que a técnica não oferece obstáculo ao fluxo de água. Com o intuito de verificar a viabilidade do método, a pesquisa gerou modelo matemático que permitiu a simulação de diferentes configurações, em busca de uma solução segura para os peixes e eficiente para a usina.

Com os resultados obtidos a partir das simulações computacionais foi construído protótipo em escala reduzida, seguindo o perfil do tubo de sucção das usinas. “Os resultados são satisfatórios e mostram a viabilidade do seu uso para afastamento de peixes nas usinas hidrelétricas e em outras áreas de risco”, diz Rafael Emílio Lopes. O protótipo foi tema da dissertação de mestrado defendida por Flavio Nakamura Alves Silva.

“Temos outros trabalhos na linha de proteção ambiental, como o estudo de Luís Gustavo Martins da Silva, para repulsão de peixes utilizando barreiras de bolhas de ar. Também testamos outras técnicas, como barreira com luz estroboscópica e com substância de alarme”, comenta Martinez.

Segundo ele, em praticamente todos os sistemas testados o afastamento dos peixes de áreas de perigo foi bem-sucedido. Apesar dos bons resultados, Martinez acredita que ainda há um longo caminho a percorrer. “Está clara a necessidade de novos estudos sobre a utilização desses sistemas em usinas hidrelétricas”, conclui o professor da Escola de Engenharia.

TESE PROJETA queda das internações pelo SUS em Minas

Estudo também revela tendência de redução da necessidade de leitos hospitalares nos próximos 40 anos

Fernanda Cristo

As taxas de internação em hospitais conveniados ao Sistema Único de Saúde (SUS) em Minas Gerais deverão cair de 14% a 35% até 2050, considerando os parâmetros de 2007. Essa é uma das conclusões a que chegou a pesquisadora Cristina Guimarães Rodrigues em sua tese de doutorado recentemente defendida na Faculdade de Ciências Econômicas (Face).

A constatação contraria a hipótese de que as internações tendem a aumentar no futuro. “Ela é decorrente da ênfase dada à pressão do envelhecimento populacional sobre os serviços públicos, uma vez que os idosos são responsáveis pelas maiores taxas de internação e de crescimento populacional”, explica Cristina Guimarães. Segundo ela, isso de fato ocorre quando se avalia apenas o efeito demográfico, como tamanho da população e mudanças na estrutura etária. Se apenas esse componente fosse considerado na análise, o número de internações aumentaria 58% até 2050, tomando 2007 como o ano de partida da projeção.

No entanto, o volume de internações futuras depende da combinação da variável populacional com os índices de internação. Ao acrescentar o comportamento histórico das taxas para calibrar suas estimativas, Cristina acabou chegando a uma tendência oposta. “A curva de internações compensa esse efeito demográfico e mostra uma redução de 14% a 35% no número de internações em 2050”, aponta. A explicação está na queda significativa das taxas nos últimos 17 anos.

“O componente taxa de internação é dado pela junção de fatores difíceis de mensurar, como progresso tecnológico, o efeito do estado de saúde e a regulação da assistência”, afirma a pesquisadora, que, além da queda das taxas de internação, faz uma projeção correlata que pode ser interpretada como uma boa notícia para os gestores do sistema público de saúde: a redução da necessidade de leitos do SUS em Minas Gerais. Segundo as projeções da pesquisadora, ela pode cair, até 2050, de 19% a 38% – dependendo do método de projeção adotado – na comparação com o volume de leitos disponíveis em 2007.

Metodologias

Para desenvolver a pesquisa, ela utilizou três metodologias de análise. A primeira foi a tradicional projeção com taxa fixa. Cristina Guimarães manteve a taxa de internação constante no ano de 2007 e multiplicou o valor pela população projetada para os próximos anos. A conclusão foi de que haveria um aumento de 14% no volume de internações já em 2020.

O segundo método foi a [projeção estocástica](#), que incorpora a redução dos índices de internação. “A taxa de utilização do serviço possui um componente aleatório, podendo variar de um ano para outro. Por isso, busquei um método que me proporcionasse uma margem de erro associada à projeção”, argumenta. Já a terceira abordagem, o método da regressão, foi usada para analisar fatores que afetam o comportamento das internações. Por meio dessa análise, que permite a comparação com os outros métodos, a pesquisadora descobriu que a variável com mais influência sobre a taxa de internação é o número de leitos.

Ao analisar a evolução das taxas de internação de 1993 a 2007, Cristina descobriu que, nos três primeiros anos da série, houve uma inflexão na tendência de crescimento, provavelmente causada por mudanças institucionais. Entre elas, a definição de cotas de internação. A pesquisadora também aponta o Programa Saúde da Família (PSF) como possível responsável por uma melhora nos indicadores de saúde, principalmente nos últimos anos. “O PSF parte do princípio de que a saúde deve ser cuidada preventivamente. Com isso, reduz-se a necessidade de intervenções mais sérias, já que os problemas são detectados em estágio inicial”, afirma.

Agora, Cristina Guimarães pretende se debruçar sobre os gastos no SUS. Se por um lado o volume de internações vem diminuindo, por outro, os gastos com os procedimentos tendem a crescer. Fatores como atualização tecnológica são apontados pela pesquisadora como possíveis causas desse aumento. “Também quero analisar outros métodos de projeção. É mais uma forma de dar continuidade à pesquisa”, justifica.



Foca Lisboa

Cristina: combinação de métodos

Autora: Cristina Guimarães Rodrigues
Tese: Dinâmica demográfica e internações hospitalares: uma visão prospectiva para o Sistema Único de Saúde (SUS) em Minas Gerais, 2007 a 2050
Data de defesa: 24/06/2010
Programa: Pós-graduação em Demografia da Faculdade de Ciências Econômicas (Face)
Orientadora: Mônica Viegas Andrade
Co-orientadores: Bernardo Lanza Queiroz e Carla Jorge Machado

Metodologia que leva em consideração o comportamento histórico das taxas para fornecer um cenário mais realista da projeção. Baseia-se em princípio semelhante a uma previsão do tempo, em que a temperatura mantém a tendência dos dias passados, mas pode contemplar uma variação, situada entre a mínima e a máxima. Isso não ocorre com o método determinístico, que projeta uma variação fixa para a taxa.

Universidade Federal de Minas Gerais
Projeto Maioridade

18 anos

Universidade Aberta para a Terceira Idade

Matrículas e Informações:
FUNDEP - Praça de Serviços
Campus Pampulha Loja 7
(31) 3409 4220 - www.fundep.ufmg.br

Projeto **MAIORIDADE**

Afetividade no ciclo de vida, lembrança e esquecimento: a cotidiana construção da memória, envelhecimento e saúde, movimento e qualidade de vida são alguns dos temas abordados na programação do Projeto Maioridade – Universidade Aberta para Terceira Idade, que acontece de 5 de agosto a 2 de dezembro, no Conservatório UFMG, e cujas inscrições estão abertas até 15 de setembro, para pessoas a partir de 60 anos. Os encontros acontecem às segundas-feiras e quintas-feiras, das 14h às 17h.

Para participar, é necessário pagar uma taxa de R\$ 300 à vista ou em seis parcelas de R\$ 50. As matrículas devem ser feitas na página www.fundep.ufmg.br, ou no posto de atendimento da Fundep no campus Pampulha (av. Antônio Carlos, 6627 – Praça de Serviços – loja 7). Mais informações pelo telefone (31) 3409-4220.

ISENÇÃO: Escola de Ensino Básico e TU

Será aberto em 5 de agosto o prazo para pedidos de isenção da taxa de inscrição ao processo seletivo da Escola de Educação Básica e Profissional da UFMG, que engloba o Centro Pedagógico (ensino fundamental), Colégio Técnico (ensino médio e profissional) e Teatro Universitário. Os pedidos devem ser feitos até 18 de agosto. As inscrições para os concursos estão previstas para o período de 27 de setembro a 8 de outubro. No caso do Centro Pedagógico, será realizado sorteio em 23 de outubro para o preenchimento de 75 vagas. Para o Coltec, são 196 vagas disponíveis para 2010, e as provas ocorrem em 21 de novembro. Já o Teatro Universitário possui 20 vagas e a seleção será de 21 a 25 de novembro. Mais informações no site da Copeve: www.ufmg.br/copeve.

Reunião da **SBPC**

A Universidade Federal do Rio Grande do Norte sedia esta semana a 62ª Reunião Anual da SBPC (Saiba mais no site: www.sbpnet.org.br/natal/home). Segundo programação divulgada, estão previstas as presenças de candidatos à presidência da República, no dia 30, em sessão especial da Reunião. Estão agendadas 71 conferências, 53 mesas-redondas e 29 simpósios para o evento. A UFMG será representada nessas atividades por 12 pesquisadores, que vão debater temas diversos. Além disso, 28 trabalhos de pesquisa e iniciação científica produzidos na Universidade vão figurar na sessão de pôsteres

A Reunião Anual contará, ainda, com minicursos e eventos paralelos, como SBPC Jovem, destinada a alunos do nível básico e público infante-juvenil, da mostra de ciência e tecnologia ExpoT&C – com 120 expositores, entre eles a Fundep, abrigados em área de seis mil metros quadrados – e de atividades culturais, a SBPC Cultural. A participação da UFMG poderá ser acompanhada pelo portal da universidade, no endereço www.ufmg.br.

Língua e cultura **AFRICANAS**

Até 6 de agosto estão abertas as inscrições para o curso Yorubá de língua e cultura africanas, que o Centro de Extensão da Faculdade de Letras oferece de 9 de agosto a 13 de dezembro. As inscrições podem ser feitas pela internet pelo endereço www.cursoeventos.ufmg.br/CAE, ou pessoalmente, na sede da Fundep, no campus Pampulha.

PARASITOLOGIA

Já estão abertas as inscrições para o I Encontro de Pesquisa em Parasitologia da UFMG, que será realizado de 1º a 3 de setembro. A abertura será feita pelo diretor científico da Fapemig, José Policarpo de Abreu. No mesmo dia, o professor Erney Camargo, da USP, fala sobre o tema *Parasitologia, passado e futuro: uma experiência pessoal*. A atividade será moderada pelo professor emérito do ICB Egler Chiari. Informações sobre a programação e inscrições no endereço <http://150.164.27.227/ep2010/index.php>

PESQUISA qualitativa

O Departamento de Terapia Ocupacional da UFMG está com inscrições abertas para seminários sobre pesquisa qualitativa na área da saúde, que acontecem em agosto. De acordo com os organizadores, como os custos de realização do evento foram reduzidos, houve cortes no valor das inscrições. Quem já realizou sua inscrição receberá a devolução da diferença. Os valores atualizados estão disponíveis na página de inscrição para o evento no site da Fundep, no endereço www.cursoseeventos.ufmg.br.

Semana do **CONHECIMENTO**

Será realizada em outubro a Semana do Conhecimento da UFMG. A iniciativa engloba dois eventos: de 18 a 22, acontece o UFMG Conhecimento e Cultura, cujas inscrições de trabalhos de graduação, pesquisa e extensão estarão abertas de 16 de agosto a 3 de setembro. O segundo evento – UFMG Jovem e a Feira de Ciências do Ensino Básico – será de 20 a 22 de outubro. Os projetos do ensino básico inscritos ficarão expostos no Coltec, campus Pampulha. As cerimônias de abertura e encerramento e as atividades culturais acontecerão no prédio da Reitoria e na Praça de Serviços.

Está prevista também a realização de Seminário sobre Biodiversidade e Desenvolvimento, na Faculdade de Ciências Econômicas (Face), também no campus Pampulha, nos dias 21 e 22 de outubro. A Semana do Conhecimento é uma vitrine da produção científica de alunos da UFMG. Mais informações pelo telefone 3409-4030.

VOZES de todos os cantos e tempos

Editora UFMG relança obra de Paul Zumthor
que oferece panorama das poéticas orais

Itamar Rigueira Jr.

Cantos de trabalho e de morte, repentistas e bardos, shows de rock e de rap – nada escapou aos ouvidos e à sensibilidade de Paul Zumthor, um dos maiores pesquisadores das poéticas orais de todos os cantos e de todos os tempos. Seu livro *Introdução à poesia oral*, lançado pela primeira vez em 1983, ganha nova edição em português (a primeira foi em 1997), agora pela Editora UFMG.

A poesia oral de que trata o autor abrange as mais diversas manifestações artísticas que têm a voz como matéria-prima. “Zumthor não tem posição passadista, não é um folclorista no mau sentido, e tampouco trata a poesia oral como menor, arte espontânea ou ingênua”, elogia a professora da Faculdade de Letras da UFMG Maria Inês Almeida, uma das tradutoras do livro.

Nascido em Genebra, em 1915, Zumthor viveu também na França, na Holanda e no Canadá, onde lecionou na Universidade de Montreal até morrer, em 1995. Autor de muitos livros e artigos, ele foi sobretudo um medievalista, mas viajou muito para observar e descrever manifestações de diversos grupos sociais e etnias.

De acordo com Maria Inês de Almeida, se não é único, o livro é com certeza pioneiro em fazer “quase uma etnografia” da poesia oral. “A obra é muito abrangente e, ao mesmo tempo, contém análise profunda. Zumthor trata as poéticas antigas com pensamento contemporâneo, atualizando a importância das tradições, postas em pé de igualdade com manifestações contemporâneas”, analisa a pesquisadora de literatura indígena e coordenadora do grupo Literaterras, da Faculdade de Letras da UFMG.

Os estudos de Paul Zumthor são valorizados, entre outros aspectos, segundo Maria Inês, por tratar qualquer poema oral (de um canto sem palavras a um poema escrito) como “obra vocal” e por estabelecer pontos de conexão entre diferentes poéticas, encontradas em pequenos grupos na Mongólia ou consideradas majoritárias na Europa e nos Estados Unidos. “Zumthor encontra na Paraíba ou em Minas ressonâncias de coisas que começaram em pontos longínquos da África”, exemplifica Maria Inês de Almeida.

In loco, no Brasil

A propósito, o autor que propõe a constituição de uma linguística e de uma antropologia da voz – e que também escreveu poesia e ficção – teve oportunidade de estudar bastante as manifestações de poesia oral no Brasil, onde esteve três vezes entre 1977 e 1993. Travou contato com cantadores em feiras nordestinas e assistiu a apresentações de artistas como Caetano Veloso.

Depois de sua primeira visita, “Zumthor passa a se dedicar com insistência às literaturas orais, com a bagagem de um medievalista, mas contando agora com o laboratório vivo de nossa cultura fortemente oralizada”, revela Jerusa Pires Ferreira, anfitriã do autor no Brasil, em texto que fecha a edição recém-lançada.

Pesquisadora da PUC-SP, também tradutora da obra, Jerusa escreve ainda que,



Livro: Introdução à poesia oral
De Paul Zumthor
Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida
Editora UFMG
354 páginas / R\$ 53

a partir de Paul Zumthor, o campo dos estudos das poéticas da oralidade “se firmou em dimensão universal”. Sobre o trabalho do amigo e hóspede recorrente, ela destaca “a noção de movência do texto oral, a ênfase na transmissão da força energética e teatralizante que assumiu como performance, no sentido bem definido do texto em presença, a ampliação do próprio conceito de texto e de literatura que foram indispensáveis para se pensarem as literaturas da voz”.